

A etnografia como método de cobertura e observação de megaeventos esportivos

Elcio Cassola Padovez¹
José Eugenio Menezes²

Resumo

A etnografia e a comunicação podem dialogar muito bem entre si, principalmente quando nos referimos à cultura e ao esporte. Neste ensaio, propomos que o uso de observações de campo e métodos, como o olhar participante ou atitude etnográfica, pode ajudar no enriquecimento do trabalho tanto do pesquisador acadêmico quanto do jornalista quando se trata da cobertura in loco dos megaeventos esportivos. A partir da ideia de Yves Winkin sobre uma nova Comunicação e de um périplo pelas ciências humanas ao longo dos séculos XX e XXI, passamos por nomes como Gregory Bateson, Dell Heymes e Ryszard Kapucinski, entre outros, com o intuito de construir um olhar etnográfico mais voltado ao campo social e cultural no contexto de megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Palavras-chave: Comunicação. Etnografia. Megaeventos esportivos. Copa do Mundo. Olimpíadas.

A comunicação, abordada no dia a dia da academia como uma ciência humana transdisciplinar, que se emaranha pelos fios dos campos da sociologia, filosofia e da antropologia, por exemplo, encontrou nas técnicas de observações e anotações em cadernos, próprias da etnografia, um caminho muito rico e esclarecedor para compreender muitas das questões que a sociedade moderna e industrial, e a posteriori, contemporânea e pós-industrial, passaram e atualmente passam. Desde o início do século XX, os saberes e práticas da comunicação e da etnografia já “trocavam figurinhas”, num diálogo muito rico e que começou a tomar forma mais elaborada com os estudos de campo do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942) com tribos da Papua Nova Guiné. O olhar comunicacional e etnográfico também norteou parte importante da obra do antropólogo inglês Gregory Bateson (1904-1980) e do escritor brasileiro Mario de Andrade (1893-1945), além de pensadores estadunidenses ligados à escola culturalista, formada por intelectuais como o antropólogo Franz Boas (1852-1948) e Clifford Geertz (1926-2006) e também, do Colégio Invisível, formado pelo intercâmbio de ideias e pensares de autores ligados à Escola de Palo Alto (Califórnia),

1. Mestrando em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (FCL). 2. Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Este ensaio foi publicado na edição 18.1 da revista *Communicare*, em junho de 2018, com o tema o legado dos megaeventos esportivos.

Universidade de Chicago (Illinois) e Universidade da Pensilvânia (Pensilvânia), como os antropólogos Lloyd Warner (1898-1970) e Ray Birdwhistell (1918-1994).

Do outro lado do Atlântico, mais precisamente em Berlim (Alemanha), as trocas simbólicas entre as duas ciências humanas também aconteciam de maneira intensa, com a adição do conceito de *Kultur*, nascido na antropologia alemã no final do século XIX, e que no século XX teria como expoentes nomes-chave no Centro de Antropologia Histórica da Universidade Livre de Berlim, como o semiótico tcheco Yvan Bystrina (1924-2004), o filósofo Gunter Gebauer e o sociólogo Christoph Wulf, que incorporaram aos estudos antropológicos a questão do corpo no esporte e da mimese na cultura. Um pouco mais adiante, em 1964, o termo “etnografia da comunicação” vai surgir nos estudos do sociolinguista estadunidense Dell Hymes (1927-2009) e este método híbrido não passa a ganhar relevância apenas na academia, como também reverbera no fazer jornalístico, com destaque para a obra do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski (1932-2007) e continua ecoando até a contemporaneidade, com profissionais de imprensa fazendo imersões culturais para cobrir in loco eventos de escala global e de alta complexidade, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Após esta explanação inicial a respeito dos caminhos comuns entre etnografia e comunicação passamos à ideia central deste ensaio, que é pensar a etnografia como um método aplicável tanto na área de pesquisa acadêmica quanto na cobertura jornalística de megaeventos esportivos. O olhar etnográfico, que contempla aspectos sócio-histórico-culturais, pode enriquecer a vivência in loco do pesquisador e/ou repórter interessado em conhecer o funcionamento social e cultural do país ou cidade-sede.

Diálogos entre etnografia e comunicação: uma breve história

As trocas simbólicas entre a comunicação e a etnografia, ainda que de maneira tímida e embrionária, começaram a tomar corpo e rumo a partir das observações e estudos de Malinowski com tribos da Papua Nova Guiné, um arquipélago encravado nos mares do Pacífico Sul. Malinowski, de raízes polonesas, começou a transformar seu fascínio por terras ainda pouco conhecidas e sem escrita, no início do século XX, em ciência a partir de 1910, quando inicia seus estudos sociais na London School of Economics. Antes desta incursão inglesa, já havia se graduado em Ciências Exatas pela Universidade de Cracóvia (Polônia) e feito sua pós-graduação na Universidade de Leipzig (Alemanha) em etnologia, área pré-antropologia dedicada aos estudos dos povos do novo e do velho

mundo. Irrequieto e vagante por natureza, o jovem pesquisador quis romper com os métodos que eram utilizados pelos etnólogos da época, que praticavam uma visão de mundo dentro de casa, no escritório da universidade ou no museu repleto de itens trazidos de locais “exóticos”. Winkin (1998) reconstitui como se desenvolviam os estudos desses pesquisadores:

Envia questionários etnográficos a viajantes, a missionários, a comerciantes, em suma, a todos que vão, por exemplo, à África ou à Ásia. Pede-lhes que respondam às perguntas e comprem, senão roubem, tudo o que possam encontrar (...) Todos os objetos são bons para recheiar os museus de etnografia (...) (WINKIN, 1998, p.130).

Malinowski então rumou a uma faixa de terra colonizada pela Inglaterra, na porção sul da Papua Nova Guiné, e passa a fazer um trabalho de campo com os Mailu e os Trobiland, que viria a gerar o livro *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922). Nesta obra, ele procura “captar o ponto de vista do indígena (...) compreender sua visão de mundo” (MALINOWSKI apud WINKIN, 1998, p.130). Os meses de imersão junto aos povos ajudaram o aventureiro europeu a compreender que um período extenso de estudo pode ajudar a conhecer uma sociedade específica e perceber o significado de sua lógica cultural (MATEUS, 2015, p.85). O bom é que neste florescer da etnografia, da década de 1920 em diante, é que Malinowski não estava sozinho em sua atitude “rebelde” e influenciou, direta e indiretamente, pesquisas de campo em várias partes do mundo. Bateson teve experiências com tribos da Papua Nova Guiné e de Bali, uma das 13 mil ilhas que compõem a Indonésia e, a partir de seu caderno de anotações, produziu o livro *Naven* (1927). Neste mesmo ano, só que muito longe das paisagens deslumbrantes da Micronésia e seu caldeirão de tribos e costumes, Mário de Andrade revira os intestinos verdes do Brasil em uma longa viagem pelo Pará, Amazonas e partes do Peru e da Bolívia, viagem esta fundamental para a publicação de *O Turista Aprendiz* (1927). E este “olhar para dentro” ou endótico, exercitado por Andrade, viria a ser a tônica do segundo momento de virada da etnografia em sua caminhada pelo século XX. Nos anos 1930, passando pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) até o início dos anos 1950, pensadores estadunidenses, como Lloyd Warner (1898- 1970), Ray Birdwhistell (1918-1994), vão questionar se o trabalho de um etnógrafo deve ser voltado a estudar culturas e povos distantes de sua realidade, ou se as metodologias podem e devem ser utilizadas para observar o que se passa ao redor do próprio país, no caso os EUA. Warner, após vivências com tribos aborígenes da Austrália, passa a aplicar seu meticuloso trabalho de observação

de micro sociedades em cidades minúsculas dos estados de Illinois e Massachusetts (WINKIN, 1998, p.130). Assim como Warner, Birdwhistell também vai se voltar à observação dos costumes estadunidenses a partir de adolescentes do Kentucky. Ambos terão forte influência da Escola de Chicago (criada em 1892), um dos centros de referência da antropologia social no país, e que junto com a proposta do Colégio Invisível, passa a dialogar, por meio de intercâmbio de ideias, estudantes e professores com as experiências geradas na Escola de Palo Alto (Califórnia) e a Universidade da Pensilvânia (Pensilvânia). A multiplicidade de possibilidades gerada pela etnografia fez com que ela, no início dos anos 1960, encontrasse de forma seminal outra ciência humana conhecida por sua elasticidade de diálogos com outras frentes: a comunicação. O termo Etnografia da Comunicação surgiu a partir dos estudos do sociólogo norte-americano Dell Heymes (1927-2009) que, em 1964, o utilizou pela primeira vez. Segundo Heymes, a Etnografia da Comunicação trata da relação entre a linguagem e a sociedade.

A comunicação acontece em contextos culturais específicos e envolve não apenas o uso de signos verbais como signos não verbais e formais de relações tecnológicas que revelam ao etnógrafo da comunicação as relações sociais, as emoções e as identidades sociais em jogo (MATEUS, 2015, p. 87).

Os culturalistas dos EUA e da Alemanha

A introdução das técnicas etnográficas nos estudos da cultura e da comunicação, incluindo o campo esportivo, influenciou a criação da escola culturalista nos EUA, entre as décadas de 1940 e 1950 (ORTIZ, 2002, p. 25). Os culturalistas, cujos principais expoentes são Ralph Linton, Ruth Benedict, Franz Boas, Margareth Mead e Clifford Geertz, partem do princípio de que não existe o conceito de cultura, e sim de culturas, e que cada uma delas impõe um modo de pensamento aos homens e mulheres que nelas estão inseridos. A junção de ideias vai chegar ao que conhecemos por Teoria da Cultura, matriz abrangente capaz de abarcar as expressões de todas as sociedades humanas, desde aspectos materiais até o universo simbólico que as rodeia (ORTIZ, 2002, p. 21). Mas se nos EUA o conceito de cultura vai aflorar no calor e declínio da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na Europa, mais precisamente na Alemanha, ele já fervilhava como fenômeno de estudo desde o final do século XIX, quando a antropologia alemã cunhou o termo *Kultur*, que viria a ter seus primeiros estudos com o sociólogo Alfred Weber (1868-1958) em Heidelberg. Weber trouxe a ideia de que a *Kultur* e a *Zivilisation* deveriam ser analisadas como dois campos conflitantes. Tal proposição, apesar da originalidade na

época, foi logo superada por um de seus alunos, o também alemão e sociólogo Norbert Elias (1897-1990) que a partir do traçado histórico da construção dos hábitos e costumes europeus a partir da Idade Média, como o controle nas instituições, a família, por exemplo, percebeu que ambas não poderiam se dissociar, e sim caminhar integradas nos complexos meandros das ciências humanas dentro de uma sociedade organizada industrialmente no contexto dos novos centros urbanos, como registrou na obra “O Processo Civilizatório”, publicada em 1939 (ELIAS, 1994). Assim como os culturalistas da América propuseram uma Teoria da Cultura, os alemães, especialmente os da Universidade Livre de Berlim, também abriram uma perspectiva no estudo das relações entre comunicação e cultura conhecido como Berliner Modell. Um dos pontos que conversa de maneira muito direta com este ensaio é o de que os rituais, inclusive os esportivos e midiáticos, geram hábito e dependência. Harry Pross (1923-2010), que trabalhava com a concepção de que a comunicação se inicia e termina no corpo, encontrou eco nas produções do filósofo alemão Dietmar Kamper (1936-2001) e, um pouco mais adiante, na obra do filósofo Gunter Gebauer, do antropólogo Christoph Wulf, e também, do filósofo Hans Ulrich Gumbrecht. Esses pesquisadores introduziram a questão do corpo, inclusive na ótica esportiva, como um elemento de construção social, disciplinar, filosófico e principalmente, mimético, no sentido de que o homem inventa uma segunda realidade (a simbólica) e confere a ela toda autonomia para que ela dite seu destino (BAITELLO, 2012, p. 17). Antes de observarmos as contribuições da etnografia para os estudos do esporte como expressão cultural é preciso destacar a fundamental importância do semioticista tcheco Ivan Bystrina para este universo, com a denominada Semiótica da Cultura. Bystrina, que fugiu de Praga em 1968 após a tentativa frustrada da chamada Primavera de Praga, recebeu convite de Pross, então diretor da Faculdade de Ciências de Comunicação da Universidade de Berlim, para lecionar na cidade alemã. O tcheco, conhecido pela pluralidade de assuntos pelos quais se interessava, trouxe à luz a um tipo de semiótica muito própria, voltada a investigar os textos e raízes culturais (o jogo seria uma das quatro raízes da cultura), e que se distanciou dos modelos já existentes, como os estudos de semiótica desenvolvidos nos Estados Unidos. A questão do jogo como uma das raízes da cultura (HUIZINGA, 1998; CAILLOIS, 1990; BYSTRINA, 1995) começa a perder espaço nos estudos das ciências humanas com o surgimento de uma concepção de esporte mais interessada nos aspectos profissionais, como a evolução das transmissões midiáticas, a arenização dos estádios para atender os megaeventos esportivos e o marketing, por exemplo. Para sobreviver nesse campo minado e truncado, a experiência

etnográfica passa a jogar um papel estratégico quando entra como método para se aprofundar nas raízes culturais da construção simbólica dos megaeventos esportivos e algumas de suas variantes, como criação das comunidades imaginárias das torcidas e o uso de textos culturais como forma de comunicação. Tais elementos passam a ser vistos, sob esta ótica, como um fenômeno de estudo muito rico e desafiante, tanto acadêmica quanto jornalisticamente, como veremos nos exemplos a seguir.

Conversas no front com Ryszard Kapuscinski

Se Malinowski ajudou a romper o pensamento voltado ao colecionismo e ao exótico da antropologia-etologia, que norteou boa parte do século XIX, com sua atitude de buscar o olhar endótico-etnográfico de seu fenômeno de estudo, a Polônia, mais uma vez, foi pródiga em colaborar com o desenvolvimento desta ciência humana ao longo do século XX. Desta vez, com a escrita jornalística de Ryszard Kapuscinski, que acumulando as funções de jornalista, poeta, escritor e fotógrafo, pode ser considerado um dos primeiros *self made man* da comunicação. Na década de 1950, ele já viajava por rincões pouco explorados e considerados de pouca noticiabilidade aos olhos dos EUA, Europa e URSS, cobrindo conflitos e os desdobramentos da Guerra Fria (1947-1990) para a Agência Polonesa de Notícias (PAP). Além da África, Ásia e Europa Central, locais nos quais desenvolveu um olhar apurado das questões locais, o correspondente polonês Ryszard Kapuscinski também pode trabalhar muito bem o exercício de permear local e global em rincões “escondidos” das América Central e do Sul. Em uma dessas incursões latinas, Ryszard, que não era o que hoje denominamos como jornalista esportivo, pôde viver in loco o nascer de um conflito armado entre El Salvador e Honduras por conta de um jogo de futebol, e com seu apurado faro de etnógrafo comunicador, teceu um minucioso relato sobre ele:

Luis Suarez me disse que haveria uma guerra, e eu acreditava piamente no que Luis me dizia (...) Luis me dava aulas sobre a América Latina, de como ela era e devia ser entendida. Ele conseguia prever muitos acontecimentos (...) desta vez, Luis emitiu sua opinião sobre uma guerra inevitável assim que pôs de lado um jornal no qual lera a reportagem sobre uma partida entre Honduras e El Salvador. Os dois países disputavam uma vaga para a próxima Copa do Mundo, programada para o verão de 1970 no México (KAPUSCINSKI, 2008, p. 193).

O trecho acima, que faz parte da crônica *A Guerra do Futebol* (1969), narra o confronto entre os países vizinhos após os salvadorenos terem vencido a partida de volta contra a seleção hondurenha por 3 a 0, que garantia uma vaga para a Copa do Mundo de 1970, já

que Honduras havia ganhado o jogo de ida por apenas 1 a 0. O problema é que a animosidade entre as nações americanas extrapolou o campo de jogo, aflorou questões nacionalistas próprias do universo simbólico e gerou grande comoção após o suicídio de uma jovem salvadorenha por conta da disputa futebolística:

Quando o atacante de Honduras, Roberto Cardona, fez o gol da vitória no último minuto de jogo, Amélia Bolaños, uma jovem salvadorenha de 18 anos que assistia à partida pela televisão em San Salvador, levantou-se da cadeira, correu até uma escrivaninha em cuja gaveta estava o revólver de seu pai e disparou a arma no coração. “A jovem não suportou ver seu país de joelhos”, escreveu, no dia seguinte, o *El Nacional* (...). O cortejo era precedido por um destacamento militar e um estandarte. Atrás do caixão coberto pela bandeira nacional caminhava o Presidente da República e todos os seus ministros, seguidos pelos 11 jogadores da seleção salvadorenha, que vaiada, debochada e ofendida no aeroporto de Tegucigalpa, retornara ao país naquela madrugada num avião especial (KAPUSCINSKI, 2008, p. 194).

Como o próprio Kapuscinski argumenta, este é um fato que não teria a menor relevância para o mundo, mas que para ele, devido à riqueza narrativa e às nuances da disputa regional em vários aspectos, também não poderia ser esgotado em apenas um telegrama, enviado para Varsóvia, a capital da Polônia, para informar a respeito do início do conflito que durou seis dias. Para um jornalista cobrir pessoalmente um acontecimento, ou um pesquisador acadêmico observar criteriosamente um megaevento esportivo, não basta apenas o relato factual ou a aplicação de pesquisas, sejam qualitativas ou quantitativas. Para se apreender com mais autoridade este fenômeno é preciso um mergulho nas raízes culturais dele, em suas origens e desdobramentos. Sendo assim, além dos telegramas produzidos diariamente para a PAP, não importando a condição que se encontrasse ¹, Kapuscinski desenvolveu, tal qual um etnógrafo, o método de registrar em cadernos todas suas observações e informações dos lugares em que cobriu acontecimentos. A partir daí deu vazão ao seu lado memorialista com a produção de livros de grande importância para o jornalismo literário no século XX, como *Ébano, Minha vida na África* (2002), *O Imperador* (2005), *Viagens com Heródoto* (2006), *A Guerra do Futebol* (2008), entre outros.

1. Kapuscinski era o único correspondente estrangeiro na cidade de Tegucigalpa, capital de Honduras, no momento em que se iniciou o conflito com El Salvador. Como relembra em sua crônica *A Guerra do Futebol*, ele precisou escrever boa parte do primeiro telegrama em um quarto escuro do hotel e só pode chegar aos Correios graças à escolta dos bombeiros. A notícia do conflito só chegou até Varsóvia mais de quatro horas depois da primeira tentativa, pois o jornalista precisou dividir a transmissão do único telégrafo no país com o Presidente da República, que trocava mensagens com a embaixada hondurenha em Washington.

A atitude etnográfica na cobertura dos megaeventos esportivos

Como vimos no tópico anterior, não existe fato irrelevante quando se usa a etnografia para registrar contornos muito ricos e fundamentais para compreensão de um fenômeno. Ryszard Kapuscinski, como vimos acima, tinha conhecimento prévio da situação cultural-histórico-política da América Latina e Central e, por sempre cobrir os acontecimentos in loco, pôde desenvolver obras-primas do jornalismo literário após vivenciar o desenrolar dos fatos na linha de frente. A partir desta atitude etnográfica, como podemos chamar o método adotado por ele, ou como outros autores denominam, “observação participante” (PEIRANO, 1995; MAGNANI, 2009; MATEUS, 2015), transportaremos tal metodologia como forma de cobertura dos dois megaeventos esportivos mais impactantes da contemporaneidade: a Copa do Mundo (a partir de 1930) e as Olimpíadas (a partir de 1896). Como defende Edison Gastaldo, a consolidação da Copa do Mundo e das Olimpíadas também funcionou como poderoso estímulo ao desenvolvimento de tecnologias da comunicação, em perspectiva mundial (GASTALDO, 2011, p. 43). Em 1969, enquanto o repórter polonês errante tinha à mão apenas o telégrafo para noticiar o que se passava em Honduras, não muito distante dali, no México, o mundo e a imprensa se preparavam para o mundial de futebol de 1970, que seria transmitido não só pelas ondas eletromagnéticas do rádio, e sim, também pelas ondas da televisão. O desenvolvimento acelerado das tecnologias fez possível alguns dos avanços na cobertura dos megaeventos esportivos: em 1938, na Copa na França, ocorreu a primeira transmissão intercontinental de uma partida de futebol pelo rádio. Em 1964, nos Jogos de Tóquio, o sinal via satélite da TV pôde cruzar o Pacífico, e em 1998, na mesma França, os jogos transmitidos possuíam alta definição HDTV. Não bastasse a gama de meios de comunicação já existentes (jornal, rádio, revista, TV), somemos o advento da internet comercial, a partir de 1994, e das mídias sociais digitais, no final dos anos 1990, que ampliaram de maneira definitiva os horizontes da cobertura jornalística. Se fizermos um exercício dentro de um campo de futebol, a essência do jogo permanece a mesma ao longo dos séculos XX e XXI, com 90 minutos de duração, 11 jogadores para cada lado e o gol como o ápice da disputa. Obviamente foram sendo incluídos novos elementos, como as substituições e os cartões, mas se formos comparar com o fluxo quase oceânico de notícias gerado a partir da internet e da programação quase ininterrupta da TV a cabo, temos a falsa sensação de que o futebol sofreu poucas transformações, o que não se confirma na prática. O entendimento do jogo não se limita às quatro linhas do gramado.

Principalmente em competições de interesse e escala global, como a Copa do Mundo. Tomemos como exemplo o próximo mundial, a ser realizado entre 14 de junho a 15 de julho de 2018, na Rússia. O país-continente, com uma história extensa e repleta de meandros desde o século IX, e que abriga em seus 8,5 milhões de km² cerca de 100 povos etnicamente diferentes, além de 200 idiomas falados de leste a oeste, é um tremendo desafio quando um pesquisador acadêmico, no caso de uma pesquisa de campo, ou um jornalista estrangeiro, escolhe quais diretrizes seguir na cobertura a partir do que já conhece ou estudou a respeito da cultura local. E se tratando de um veículo que detenha os direitos de transmissão do torneio, como uma TV, o cuidado para se absorver e entender o ambiente da competição, tanto dentro quanto fora dos estádios, é ainda maior, já que desde a transmissão das eliminatórias continentais e da produção de material noticioso sobre elas, além da transmissão de eventos prévios à Copa do Mundo, como a Copa das Confederações, tomam muitas horas de programação, especialmente nos canais pagos de esporte. E mesmo as redações, tanto de veículos impressos quanto de TVs, sofrendo sucessivos cortes financeiros, tanto no Brasil quanto na Rússia podem ser destacados positivamente alguns exemplos de jornalistas que, a partir da atitude etnográfica, ampliaram não só seus horizontes profissionais, como também culturais e esportivos. O jornalista esportivo russo Grigory Telingater, que escreve para o site Championat, decidiu estudar português e viajar ao Brasil antes da Copa do Mundo no país, em 2014, para fazer um trabalho de imersão na cultura local e assim ter uma visão do megaevento esportivo para além da esfera da competição organizada pela Fifa. Por conta do conhecimento tácito adquirido no país e por ser fluente na língua portuguesa, Grigory, além do trabalho em um dos maiores sites de esportes da Rússia, também se tornou consultor e repórter da ESPN para assuntos relacionados ao mundial russo. Antes, ele chegou a exercer a mesma função para o SporTV, com links direto da Rússia nos telejornais do canal a cabo. Outro profissional da imprensa esportiva, o repórter Fábio Aleixo, fez o caminho inverso e, desde o fim de 2014, se dedica ao estudo da língua e cultura russa. Aleixo, após a Copa no Brasil, enxergou no próximo mundial um filão que ainda era pouco explorado pela mídia nacional, especialmente pela complexidade da cultura russa, aliada ao fato de não haver quase jornalistas no país que falem o idioma de Fiódor Dostoiévski (1821-1881).

Conhecer a cultura local é uma ferramenta que pode te ajudar na preparação para o megaevento e na forma como você vai retratar as características do país que vai sediar o megaevento para o seu público. Quando ele começa, todo mundo quer saber o que acontece dentro de campo. Mas a preparação, o conhecer a cultura e o mergulhar de cabeça ajudam muito no trabalho prévio e no entendimento de algumas questões específicas do país. O megaevento em si é internacional; os personagens que serão notícias na maioria das vezes não são locais, vivem num mundo totalmente à parte. O mundo da FIFA e do COI é totalmente diferente. Você entra no Parque Olímpico e pensa que está na Disney (ALEIXO, 2018).

Quando eu tinha 21 anos (em 2009) comecei a trabalhar no maior jornal esportivo da Rússia, o Sport Express, e era sempre o último a sair do departamento de futebol. Desde essa época, tinha o sonho de vir ao Mundial no Brasil, e pensei: se eu aprender português, o jornal vai me enviar para lá em 2014. Acabei realizando este sonho, mas por outro veículo, o EuroSport (...). Ter o conhecimento prévio do idioma e da cultura brasileira me fez entender muitos acontecimentos durante a Copa, como os gritos da torcida contra a Dilma até ter evitado entrar em algumas favelas por não saber se localizar. Com o português, pude conversar com os taxistas e falar de futebol (...). Uma cena que me marcou muito foi um treino aberto da seleção russa em 2014, no estádio do Ituano, com mais de sete mil pessoas presentes. Conversei com muitas delas e elas diziam que não se importavam de não conhecer nenhum jogador russo. Estavam ali pela paixão pelo futebol. Tudo isso virou um material muito rico para minha escrita (TELINGATER, 2018) ².

Considerações possíveis

Neste ensaio, buscamos as raízes dos diálogos entre a etnografia e a comunicação, especialmente no que diz respeito à cultura e ao esporte, mas não de forma definitiva, pois são duas ciências humanas bastante sintonizadas que tomaram muitas direções ao longo dos séculos XX e XXI. Em um mundo no qual a atividade jornalística sofre com problemas financeiros e de automatização, da edição de textos à diminuição do tempo de apuração de histórias, se faz mais do que necessário defender o trabalho de imersão prévia do profissional de comunicação, seja ele o repórter ou o acadêmico, no entendimento das raízes culturais e sociais dos megaeventos esportivos, cada vez mais complexos e simbolicamente construídos entre a tradição dos países ou cidades-sede e a estrutura globalizante e homogeneizadora de entidades como a Fifa e o COI. A cultura, um dos elementos mais presentes na contemporaneidade, atrai por sua complexidade e capacidade de abarcar num mesmo terreno a história, língua, religião, poder, geografia e geopolítica, num jogo dinâmico e repleto de carga simbólica.

2. Os trechos acima são de entrevistas concedidas pelos jornalistas Fabio Aleixo (Folha de São Paulo) e Grigory Telingater (Championat/ESPN Brasil) em outubro de 2017.

No entanto, também é preciso ressaltar que o método etnográfico demanda tempo e paciência, pois ele acontece no tempo lento das observações vivenciais. Recomenda-se, como primeiro passo, ter formação bibliográfica sobre o fenômeno a ser estudado, antes de se “descer” ao trabalho de campo. A vantagem dele, no caso da Copa do Mundo e das Olimpíadas, é que os dois megaeventos esportivos ocorrem a cada quatro anos, um tempo mais espaçado se comparado a outros eventos esportivos de menor escala, como a Liga dos Campeões e o Campeonato Brasileiro, realizados todos os anos. Este alargamento de horizonte pela cultura amplia as possibilidades de, no caso do campo acadêmico, surgirem pesquisas e produções mais enriquecedoras e plurais a partir da experiência etnográfica, e no caso jornalístico, a produção de materiais “mais exclusivos” que apenas aquele veículo terá, o que pode atrair maior interesse e credibilidade junto ao público.

Referências

- BAITELLO Jr., Norval. A ciência dos vínculos. In: BAITELLO et al. (Orgs.). CISC 20 anos: Comunicação, Cultura e Mídia. São Paulo: Bluecom, 2012, p. 11-25.
- BAITELLO Jr., N. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). Os valores e as atividades corporais. São Paulo: Summus, 2008. p. 95-112.
- BYSTRINA, Ivan. Cultura e devoração. Disponível em: < <http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca.html>>. Acesso em: 25 ago. 2017.
- GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. O Jogo no Esporte. In: Mimese na cultura. Agir Social. Rituais e Jogos. Produções Estéticas. São Paulo: Annablume, 2004, p. 160-166.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Uma história dos costumes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GASTALDO, Édison. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 8, n.21, p. 39-45, 2011.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KAMPER, Dietmar. **Mudança de Horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...** Trad. Danielle Naves de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2016.
- KAPUCINSKY, Ryszard. **A Guerra do Futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 193-222.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. Horizontes Antropológicos, São Paulo, v. 15, n.32, p. 129-156, 2009.
- MATEUS, Samuel. A etnografia da comunicação. ANTRÓPOLÓGICAS, Lisboa, n.13, 2015.
- MENEZES, José Eugenio de O. Cultura do ouvir, vínculos e ambientes comunicacionais. In: Cultura do Ouvir e Ecologia da Comunicação. São Paulo: UNI, 2016, p. 98-106. Disponível em: < <https://casperlibero.edu.br/mestrado/livros--mestrado/>>. Acesso em: 25 ago. 2017.
- ORTIZ, Renato. As ciências sociais e a cultura. Tempo Social, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 19-32, 2002.
- PROSS, Harry. **La violencia de los símbolos sociales**. Barcelona: Anthropos, 1989.
- WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Etienne Samain (Org.). Campinas: Papirus, 1998.
- WULF, Christoph. Os Rituais. In: WULF, Christoph. Antropologia da Educação. Campinas: Alínea, 2005, p. 114-124.

